

A VERDADE DAS URNAS

FH mobiliza ministros e dirigentes de partidos para impedir debandada rumo a Itamar e Ciro

ELEIÇÃO PRESIDENCIAL

Planalto teme deserção na base aliada

CARMEN KOZAK*

BRASÍLIA – O Palácio do Planalto e dirigentes dos partidos aliados temem uma debandada de governistas para as fileiras de centro-esquerda, inclusive as frentes que se formam em torno dos presidenciais Itamar Franco e Ciro Gomes. As possibilidades que o momento político abre aos planos de Ciro e Itamar foram motivo de comentários dos dirigentes dos três partidos, em almoço oferecido esta semana pelo vice-presidente Marco Maciel.

A palavra de ordem nas conversas tem sido: pacificação interna para garantir sobrevivência política em 2002. A unidade é pré-requisito para dar ao presidente Fernando Henrique Cardoso condições de governabilidade, e assim barrar avanços das candidaturas de centro-esquerda, fertiliza-

das pelas eleições municipais.

Focos – Focos de evasão já foram identificados especialmente no PMDB e em grupos isolados do PSDB. Para contê-los, o presidente Fernando Henrique, um seleto grupo de ministros e dirigentes partidários vêm conversando com os insatisfeitos. Nas conversas, conta um ministro, fala-se de otimistas perspectivas de futuro, especialmente econômico. “Em 2002, Fernando Henrique será um importante eleitor e fará o seu sucessor mas se conseguir a união”, tem repetido esse ministro.

Enquanto isso, as cúpulas do PSDB, PMDB e PFL ganham tempo e tentam chegar a termos que permitam recuperar antigos níveis de boa convivência. Tarefa difícil, já que se disputa espaço, prestígio e poder também pensando em 2002. Mas o risco de sobre-

vivência falou mais alto. Há uma semana, declararam armistício. Não é para menos.

O Palácio do Planalto e os três partidos de sustentação política do presidente Fernando Henrique fizeram uma avaliação, preocupante para eles, do resultado das eleições municipais: o cenário é completamente favorável às terceiras vias. O PT, que se firmou como partido que detém a hegemonia da oposição, não seria o beneficiado imediato, segundo análises de governistas. Baseados em pesquisas de opinião, afirmam que o perfil que pode atropelar os planos de Fernando Henrique eleger o seu sucessor é o do candidato que representa mudança, alternância, desde que não seja ruptura do processo, especialmente o de estabilização da economia.

O propósito de manter a unida-

de da base governista e evitar a antecipação da sucessão presidencial, segundo dois influentes interlocutores do governo, poderá impor sacrifício aos planos do PSDB de eleger o líder do partido, deputado Aécio Neves (MG), presidente da Câmara. A candidatura Aécio, para setores do PSDB, pode antecipar a ruptura expurgando o fiel parceiro PFL, que planeja conduzir Inocêncio Oliveira (PE) ao cargo.

A candidatura de Aécio só será consentida, diz um auxiliar de Fernando Henrique, se até fevereiro confirmar-se a hoje remota hipótese de o PFL absorver a perda de poder na Câmara. “De um a dez, a chance de isso acontecer, hoje, é menor que quatro”, calcula um tucano. O PSDB não demonstra disposição de ceder e oficializa a candidatura Aécio na semana que vem.

Neutro – Fernando Henrique

não vai interferir na briga entre partidos, diz um ministro. O presidente não deverá pedir expressamente sacrifícios ao PSDB, seu partido, nem dará apoio ostensivo aos planos do PMDB e do PFL. Enquanto seus operadores jogam por fora, aposta um dirigente tucano, Fernando Henrique continuará afagando os egos dos aliados com as conhecidas conversas individuais – quando concorda com tudo o que o interlocutor fala e é econômico em opiniões.

O PMDB promete fugir de movimentos bruscos, mas marcará terreno, lançando dia 15, data da proclamação da República, a candidatura do senador Pedro Simon (RS) à presidência da República. Em contrapartida, o presidente do partido e líder no Senado, Jader Barbalho (PA), e o líder na Câmara, deputado Geddel

Vieira Lima (BA), prometem continuar afastados da centro do furacão, para não alimentar brigas com o PFL do senador Antonio Carlos Magalhães (BA).

“Ainda é cedo para avaliações ou decisões de futuro. O cenário é de observação, revisão interna e acompanhamento permanente da cena política, mas a ruptura da base deve ser evitada a qualquer custo”, diz um peemedebista.

Ao PMDB interessa a renovação da aliança com Fernando Henrique, mas, segundo dirigentes, o partido ameaça mais os planos do governo por ter maiores chances de composição com Ciro e Itamar do que o PFL. Estrategistas do governo estão cientes de que o PMDB é hoje o fiel da balança nos planos dos presidenciais.

* Colaborou Helayrie Boaventura